



ANA MARIA CAMPOS
camposanamaria5@gmail.com

Michelle tomou decisões combinada com o marido, diz Celina

Redes sociais



A governadora Celina Leão (PP), amiga e conselheira de Michelle Bolsonaro (PL), garantiu ontem, em entrevista, que a ex-primeira-dama deixou a presidência do PL Mulher combinada com o marido, Jair Bolsonaro. Mas os gestos dos últimos dias, de confronto com o filho 01, Flávio Bolsonaro, pré-candidato à Presidência da República, não significam, segundo Celina, rompimento. “Houve um momento de desabafo, mas a direita vai caminhar junto”, disse a governadora. “É um momento familiar. É um tempo de cuidado dele (Bolsonaro)”, acrescentou. “Michelle está filiada e habilitada a disputar”, afirmou Celina Leão.

Ed Alves/CB/D.A Press



Paulo Pinto/Agência Brasil



Candidaturas em 10 unidades da federação

O PT abriu mão de candidatura própria ao governo em 17 estados. Em 10 unidades da federação, um petista estará no páreo: Expedito Neto, em Rondônia; Fábio Trad, no Mato Grosso do Sul; Felipe Camarão, no Maranhão; Elmano de Freitas, no Ceará; Cadu Xavier, no Rio Grande do Norte; Rafael Fonteles, no Piauí; Jeronimo Rodrigues, na Bahia; Helder Salomão, no Espírito Santo; Fernando Haddad, em São Paulo; e Leandro Grass, no Distrito Federal.

AFP



Grande família

Para adversários, o tema para a campanha de Flávio Bolsonaro está escolhido: “Essa família é muito unida e também muito ouriçada... Brigam por qualquer razão e acabam pedindo perdão”.

Ed Alves/CB/D.A Press



Kassab une partido em torno de Caiado

A entrada de Gilberto Kassab na disputa presidencial como vice de Ronaldo Caiado (PSD) sinaliza que a candidatura própria do PSD não tem volta. Kassab é o presidente nacional da legenda e líder das articulações políticas do grupo. Segundo integrantes do PSD, não entraria num projeto prestes a afundar. Outra consequência é a união do partido. Com o líder máximo do PSD na chapa, o risco de traições a Caiado também é reduzido. “Kassab não vai deixar o partido escorrer pelas mãos nos estados”, acredita um aliado do ex-governador de Goiás.

Semana Niemeyer Brasília Week

A Câmara Legislativa aprovou projeto de lei que cria no calendário oficial de eventos do Distrito Federal a Semana Niemeyer Brasília Week, a ser realizada, anualmente, a partir da segunda semana do último mês do ano, contemplando o dia 15 de dezembro, data de nascimento do arquiteto Oscar Niemeyer. A proposta, de autoria da deputada distrital Doutora Jane (MDB), contempla iniciativa oriunda do Instituto Niemeyer, criado por Paulo Sérgio Niemeyer Makhohl e Oscar Niemeyer, voltada à preservação da memória, à difusão e à valorização do legado do arquiteto. Durante a semana, serão promovidos seminários, exposições, palestras e oficinas participativas; visitas guiadas a obras e monumentos projetados por Oscar Niemeyer; concursos, mostras culturais e atividades educativas nas escolas; e eventos voltados à valorização da arquitetura modernista e do patrimônio cultural de Brasília.

Divulgação



Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Cuidando de quem cuida

A pauta das mães atípicas não é novidade para Eduardo Pedrosa (União). O deputado vem trabalhando o tema há anos: é autor da lei que criou o programa *Cuidando de Quem Cuida*, da lei que incluiu a Semana da Maternidade e da Paternidade Atípicas no calendário do DF e já organizou três edições do seminário *Mãe, Deixa Eu Cuidar de Você* na Câmara Legislativa. Também esteve na articulação com o GDF para a abertura do Centro de Referência do Autismo na 109 Sul. O decreto assinado pela governadora Celina Leão nesta quarta-feira, criando a Rede de Apoio às Mães Atípicas, une-se à bandeira do distrital.

Arquivo Pessoal.



Suplência

O presidente do Podemos, Cristian Viana, deixa cargo no GDF nesta semana para ficar apto a se candidatar nas eleições de outubro. O partido reivindica espaço na chapa majoritária. Pelo menos, uma suplência de senador.

LDO prevê receita de R\$ 75 bilhões para 2027

A Câmara Legislativa aprovou a Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) com a previsão de receita total de R\$ 74,97 bilhões, dos quais R\$ 45,45 bilhões correspondem à arrecadação própria e R\$ 29,52 bilhões ao Fundo Constitucional do Distrito Federal (FCDF). Do total do FCDF, R\$ 15,46 bilhões serão destinados à segurança pública, R\$ 8,52 bilhões à saúde e R\$ 5,53 bilhões à educação.

Acompanhe a cobertura da política local com @anacampos_cb

» CB.PODER | RODRIGO DIAS | PRESIDENTE PSB-DF

Dirigente diz que o partido busca diálogo com várias correntes políticas e avalia cenário com uma eventual saída de Michelle Bolsonaro da disputa ao Senado

“Debate vai além de esquerda ou direita”

» CARLOS SILVA

O presidente do Partido Socialista Brasileiro (PSB) no Distrito Federal, Rodrigo Dias, afirmou que a legenda mantém diálogo com o PT para integrar uma ampla aliança na disputa ao Governo do Distrito Federal (GDF), mas não abre mão do nome de Ricardo Cappelli como candidato ao Buriti. Em entrevista ao CB.Poder, ele disse que resolver “o caos da saúde pública no DF” será a principal bandeira de campanha do PSB. Aos jornalistas Carlos Alexandre de Souza e Ronayre Nunes, ele também comentou sobre os impactos de uma eventual desistência de Michelle Bolsonaro da corrida ao Senado e avaliou que a ex-primeira-dama do país enfrenta um projeto misógino do bolsonarismo.

Como estão as conversas para a construção de uma candidatura ao GDF?

Acreditamos que Ricardo Cappelli é o melhor nome para nos

representar na corrida ao Buriti. Ao mesmo tempo, dialogamos com todos os partidos do nosso campo e também com outras forças políticas, como o Solidariedade, por intermédio do ex-senador Reguffe, e o PSDB, por intermédio da deputada distrital Paula Belmonte. O que acreditamos é que precisamos reunir o máximo de lideranças que tenham responsabilidade com a cidade e que façam uma oposição programática ao atual governo, com projeto de cidade.

Ricardo Cappelli afirmou que também pretende dialogar com partidos de centro. Como o PSB vê essa estratégia?

Queremos construir um campo político que não represente só esquerda ou direita. O debate no DF vai além disso. Estamos discutindo civilização contra barbárie. Um projeto de cidade que é totalmente diferente do que vemos hoje. Para isso, é preciso unir pessoas diferentes em suas convergências, e aqueles

que tenham responsabilidade com o futuro da cidade.

A união entre PSB e PT ocorreu em vários estados, mas não ainda no DF. Por quê?

No caso de PT e PSB, são dois partidos que governaram o DF. Hoje, dos três ex-governadores do campo progressista do Distrito Federal, dois estão no PSB. Por isso, acreditamos que nada é mais legítimo do que termos protagonismo nessa chapa. No DF, infelizmente, não conseguimos fazer uma composição pura e simplesmente de esquerda. O DF exige que tenhamos amplitude. Por isso, acreditamos que Ricardo Cappelli é o candidato que tem mais condições de ampliar esse diálogo.

Quais serão as principais bandeiras do PSB na campanha?

A grande dor da população hoje é a saúde pública. Resolver esse caos é central. Isso passa por discutir o modelo de saúde pública. A forma

como o governo Ibaneis implementou e ampliou o modelo do Igges não deu certo. É um modelo falido, que não apresenta resultados concretos. Hoje, temos mais de 30 mil pessoas aguardando uma cirurgia. Há hospitais sem atendimento básico. A primeira coisa para resolver no DF é o desafio do problema da saúde pública, pois tem gente morrendo na fila do SUS.

Como o senhor avalia a saída de Michelle Bolsonaro da presidência do PL Mulher e a possibilidade de ela não disputar o Senado?

Do ponto de vista ideológico, o projeto bolsonarista sempre foi em essência um projeto misógino. O que estão fazendo com Michelle Bolsonaro é claramente misógino. Uma figura do campo dele que apresentou destaque é claramente excluída pela família Bolsonaro. Mas não acredito que isso, no fim das contas, vai resultar no total rompimento. Tem uma disputa de protagonismo.

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Aponte a câmera do celular para assistir à entrevista

A saída de Michelle Bolsonaro aumenta as chances do campo progressista conquistar as duas vagas ao Senado?

Se Michelle sair, outro candidato vai ocupar esse projeto bolsonarista. O que vivenciamos é um processo de consolidação entre esses dois blocos. O campo progressista precisa ampliar. Hoje, o campo bolsonarista representa uma parcela importante do eleitorado, mas o centro representa cerca de 40% dos eleitores do DF. Se fizermos uma disputa apenas entre os dois campos, muito provavelmente não teremos êxito. Precisamos apresentar candidatos que consigam dialogar também com esse eleitor de centro. A Leila do Vôlei, por exemplo, cumpre um pouco esse papel, porque consegue votos para além do campo progressista.

Como o PSB pretende conquistar os eleitores indecisos?

Nossa chapa representa renovação. Fizemos isso em 2022 e

estamos repetindo agora. Acho que cabe aos partidos abrir espaço para novas lideranças. Se continuarmos apresentando os mesmos representantes e os mesmos caciques, dificilmente vamos romper essa barreira e conquistar quem hoje não se sente representado pela política.

Como o senhor avalia o governo de Celina Leão?

Ela é muito responsável pela situação fiscal que o DF vive hoje. Esse problema vai muito além da questão do Banco Master. Pela Lei de Responsabilidade Fiscal, ela não pode terminar o exercício deixando esse rombo para o próximo exercício. O governo teve as maiores arrecadações da história e, mesmo assim, está deixando um rombo bilionário nas contas públicas. Acho que o grande legado que ela pode deixar é justamente ter responsabilidade com o futuro do Distrito Federal e permitir uma alternância de poder.